

DOSSIER

Nietzsche: genealogia, transvaloração e sociedade. Os 130 anos da *Genealogia da Moral*

O tema da vigésima primeira edição do Colóquio Internacional de Filosofia Unisinos, que aconteceu em outubro de 2018, foi: Nietzsche: genealogia, transvaloração e sociedade. Os 130 anos da *Genealogia da Moral*. Esta XXI edição, que aconteceu em parceria com a UFPel, teve como ensejo as comemorações dos 130 anos da publicação da *Genealogia da Moral*, considerada pela grande maioria dos estudiosos de Nietzsche atuais como a obra mais importante do filósofo. Nas diferentes modalidades de debates do evento, investigamos, no conjunto da obra de Nietzsche, principalmente na *Genealogia da Moral*, a importância e atualidade do método genealógico enquanto diagnosticador dos valores da modernidade.

Pela genealogia detecta-se não somente a criação dos valores, mas as condições de criação dos mesmos. O papel do genealogista se situa no desvelamento das perspectivas implicadas nas avaliações, descobrindo o que move determinada avaliação. A genealogia está para além dos argumentos daquilo que mostra que “[...] o superior *não deve* rebaixar-se a instrumento do inferior, o *pathos* da distância deve manter também as tarefas eternamente afastadas! Seu direito de ser o sino da plena ressonância diante do falho é, afinal, mil vezes maior: eles são somente os *fiadores* do futuro; eles estão somente *comprometidos* com o futuro do homem” (Nietzsche, GM, III, § 14). Este comprometimento com o futuro do homem possui um grande obstáculo a ser ultrapassado: a má consciência.

Em Nietzsche a má consciência é derivada dos mecanismos niilistas impostos pela moral. Esta, a moral, é responsável pelo apequenamento do ser humano, atuando para impossibilitar que este (o ser humano) atinja a sua humanização. Esta situação de instintos baixos a que o ser humano é reduzido deu origem, em Nietzsche, a um adjetivo em que se traduz “má” por “ruim”, *schlecht*, e não *böse*, tal como conferimos nas palavras de Nietzsche: “O *pathos* da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um ‘sob’ — eis a origem da oposição ‘bom’ e ‘ruim’ ” (Nietzsche, GM, I, § 2). Assim, constata-se que o termo ruim está ligado à noção de algo que é baixo, pequeno, oposto aos valores altos e aristocráticos. O distanciamento que o genealogista manifesta para com os valores decadentes da cultura permite-lhe diagnosticá-los para apresentar propostas de melhoramento da mesma. Um dos principais valores que tem sido disseminado de forma ameaçadora sobre a cultura é o que enaltece uma vida paralela, para além da vida terrestre, um valor centrado na denúncia e maledicência dos instintos e disposições fisiológicas: a moral, a avó da má consciência.

A consciência em sua versão má consiste em um feito impossível de ser desfeito, algo inexorável e que marca a consciência como uma fatalidade. É a consciência de si contra si mesma; é como um ideal pressuposto diante de si que não lhe é adequado. Está implicada, nisso, uma renúncia a toda a beleza, nobreza e riqueza, em função de servir a um senhor infinitamente rico;

os seres de má consciência roubam para si aquilo que é o mais íntimo desse ser, o sentimento de ser si mesmo (ipseidade). A má consciência, acentua Nietzsche, é como uma doença que o ser humano teve que contrair em virtude de alguma mudança vivida pelo encerramento no âmbito da sociedade e da paz. Se outrora o ser humano precisava lutar, utilizando-se de inúmeros expedientes, como são os diversos mecanismos de defesa, agora estes expedientes tornaram-se estranhos. Este estranhamento fez com que “[...] todos os instintos do homem selvagem, livre e vagabundo, se voltassem ‘contra o homem interior’” (Nietzsche, GM, II, § 16). Diante desse estranho que se aloja dentro do próprio sujeito, o sentimento não é outro senão de autonegação e inanição.

Ao denunciar o veneno que calunia a vida, em grande parte comandado pelos ditames do sacerdócio ascético, contaminando-a com a má consciência, a genealogia se afirma como um procedimento revolucionário. Pela genealogia detectam-se os mecanismos de poder que pervadem a sociedade em Foucault, como método para compreender a biopolítica em Agamben. Celebramos os 130 anos da *Genealogia da Moral* oferecendo através deste Colóquio Internacional de Filosofia, Nietzsche: genealogia, consciência e sociedade, um espaço de discussão que contribua para um debate em torno da atualidade do pensamento nietzschiano, no que tange à moral, aos valores e à biopolítica.

Apresentamos, através dos artigos que seguem, um pouco da repercussão do Colóquio nos debates que perfizeram as modalidades de conferências, mesas-redondas e comunicações, bem como de ouvintes à distância. No artigo intitulado “A ciência em *Genealogia da moral*: a psicologia experimental de Ribot” acompanhamos a inversão de papéis que Nietzsche opera com relação à ciência: de fisiológicos passa a estar ligada

aos ideais aos ascéticos, como é o caso de críticas que o filósofo dirige ao modelo psicofisiológico do cientista Théodule Ribot. Em “Niilismo e ideal ascético: acerca do valor do ascetismo na genealogia nietzschiana” se reflete sobre o alcance das críticas de Nietzsche ao ideal ascético que se depreende de maneira especial da III Dissertação, no sentido de servirem de base para a superação do niilismo. O artigo “O método genealógico como autêntico filosofar histórico”, tendo como base o trabalho de Foucault sobre genealogia e história, procura analisar o alcance e profundidade do método genealógico para uma compreensão nova do real. No artigo “Apontamentos sobre o sentido de sofrimento na *Genealogia da moral* de Nietzsche” se mostra em que medida a experiência do sofrimento pode repercutir em aumento de potência, base para o vitalismo. O artigo “Entre πόλεμος e δύναμις: a noção de poder como origem da moral do senhor e do escravo na *Genealogia da moral* de Nietzsche”, amparado, de maneira particular, na I Dissertação, problematiza a relação entre senhor e escravo e suas relações com as concepções de Heráclito e Platão em torno das noções de ideia e poder, de modo a clarificar as dinâmicas do bem e do mal. Em “As marteladas da *Genealogia da moral* e outros escritos: dismantelamento quanto à concepção de origem e de história” se reflete sobre as modificações operadas pela genealogia com relação ao movimento realizado pela história. E, finalmente, o artigo “As tensões de força e a tarefa do sacerdote ascético”, com base na teoria das forças e seus conceitos morais, reflete sobre o papel que ocupa o sacerdote ascético no contexto permeado pela noção de vontade de poder.

Com votos de uma boa leitura.

Prof. Dr. Adilson Felicio Feiler
PPG Filosofia Unisinos